

Se a direita quer vencer, precisa estar unida, diz Marcos Pontes



D **DIÁRIO DO GRANDE ABC**
 Sete cidades só jornal

automóveis
 economia
 política

cultura&D
 Diário

Se a direita quer vencer, precisa estar unida, diz Marcos Pontes

Único brasileiro a integrar equipe da estação espacial internacional, em 2006, o astronauta Marcos Pontes (PL), ex-ministro da Ciência, Tecnologia e Inovações e atual candidato a senador, defende uma transformação na indústria da região, especialmente a automotiva, com investimentos em inovação e tecnologia

4.0. "A indústria do Grande ABC precisa se adaptar a inovações. Isso vai ajudar a produzir empregos", afirmou. Em entrevista exclusiva ao Diário, Pontes avalia que é necessário união dos candidatos da direita ao Senado para derrotar o ex-governador Márcio França (PSB). Na prática, o ex-ministro propõe o chamado 'voto

útil". "Se fosse invertida a situação, com a Janaina Paschoal (PRTB) na frente das pesquisas e eu sem chance de ganhar, eu mesmo defenderia o apoio a ela. Se a gente quer que a direita vença, a gente tem de se unir." Defensor da ciência, o ex-ministro também falou da necessidade de mais recursos para o setor.

da Redação

Por qual razão o sr. deseja ser senador por São Paulo?

Ao longo da minha vida, tive experiência grande internacional, com capacidade de trazer acordos de interesse para o Brasil. Depois, como ministro, percebi que muitas batalhas são travadas no Congresso Nacional. Conquistas importantes passam por lá e é necessário alguém que tenha capacidade técnica para explicar a importância desses projetos. E São Paulo precisa de uma representação mais técnica e eficiente. Percebi que seria útil nessa condição no Senado, principalmente se eu conseguir assumir a Comissão de Ciência e Tecnologia, que é meu objetivo, e trabalhar em parceria com o ministro.

Mesmo na função de ministro, o sr. sempre se queixou do baixo orçamento destinado ao setor, alegando ser insuficiente. No Senado, pretende lutar por mais verbas para a Pasta?

Não tenha dúvida. Essa é uma briga constante. Ciência, Tecnologia e Inovações é um ministério que contribui para todas as outras áreas. Para melhorar a educação, infraestrutura, saúde, segurança pública, é necessária ciência e tecnologia. Nesse sentido, recursos para o segmento não são gastos e sim investimentos. Por isso é importante advogar a favor. Quando eu era ministro consegui equacionar isso, buscando não só do Orçamento da União, mas fomos buscar em outras fontes. Hoje instituições recebem recursos do setor privado. Isso é uma mudança de paradigma. Também conseguimos descontingenciar o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Isso significou mais R\$ 9 bilhões por ano. Com isso, a gente conseguiu equacionar a questão do orçamento. Peguei o ministério devendo R\$ 350 milhões e entreei com um superávit de R\$ 9 bilhões. Não dá para contingenciar o orçamento de Ciência e Tecnologia. O País investe 1% do PIB no setor. Ideal é chegar a 3%. Na Coreia do Sul, che-

ga a 5%. Ciência não é cara; caro é não ter ciência.

Como foi garantir recursos para o ministério durante a pandemia e o que foi afetado?

O orçamento do ministério baixou de R\$ 3,7 bilhões para R\$ 3,2 bilhões. O governo investiu, de forma correta, em ações como o auxílio emergencial. Mas eu consegui acréscimo de R\$ 1 bilhão para ser aplicado diretamente no combate à Covid-19. Conseguimos ativar uma rede de pesquisadores para adotar a estratégia de atuação no Brasil. Isso inclui desenvolvimento de testes e diagnósticos, de remédios, acompanhamento de animais silvestres, sequenciamento genético, construção de laboratórios. O Brasil também passou a desenvolver vacinas, e agora estão sendo feitas para a varíola dos macacos. Agora não estamos mais despreparados para uma pandemia.

Como um defensor da ciência, como foi lidar com aqueles que não defendiam a ciência, principalmente no auge da pandemia?

Eu trabalho com ciência a vida toda. Poucas pessoas podem dizer que sua vida dependeu literalmente da ciência e da tecnologia. Quando você senta em um foguete com 200 toneladas de combustível, você tem de acreditar na engenharia e na ciência. Mas quando a narrativa política se mistura com a ciência, aparecem coisas estranhas. Cientista não se abala com pseudocientista falando na imprensa. O nosso trabalho é extremamente importante para a sociedade.

O sr. conseguiu levar essa tese para dentro do governo? Hoje a administração Jair Bolsonaro defende a ciência?

Não se trata de defender ou não, e sim fazer o que está previsto constitucionalmente. O presidente Bolsonaro, na questão das vacinas, comprou mais de 600 milhões de doses. E chegou ao Brasil um mês depois da pri-

meira aplicada no planeta. E havia brigas com governadores, principalmente em São Paulo. Isso foi muito ruim. Somos um País só. Todas as pessoas foram vacinadas no Brasil por meio de recursos do Ministério da Saúde. Somos um dos países mais vacinados no mundo.

O Grande ABC vem sofrendo um processo de desindustrialização nos últimos anos. Um dos caminhos para mudar esse cenário pode ser inovação tecnológica?

Sem dúvida. Esse é o ponto. Ao longo do tempo, a China se colocou como a fábrica do planeta. E isso foi muito importante. Hoje é muito difícil competir com eles. Hoje, para entrar no mercado, é preciso investir em inovação. Brasil tem investido em tecnologias como inteligência artificial, nanotecnologia, com níobio, grafeno, superbaterias. Nesse sentido, a indústria automotiva precisa ser 4.0. O que vai mudar nos carros no futuro é a propulsão, com tendência de serem híbridos. Essa transição vai ser por meio da parte elétrica, com baterias. A indústria do Grande ABC precisa se adaptar a inovações. Isso vai ajudar a produzir empregos. A tecnologia é essencial. Na área de tecnologia da informação, há 300 mil vagas nessa área. O que falta é pessoal qualificado. E há muita gente desempregada, ainda que os índices estejam caindo. E isso precisa se expandir para todas as áreas. Por isso que vou propor colocar ensino profissionalizante a todos os alunos do ensino médio. Eu sei como fazer.

O sr. foi à estação espacial em 2006. De lá para cá, não se viu muito avanço nessa área. Por que o Brasil não aproveitou essa oportunidade para desenvolver um programa espacial?

Esse programa foi deixado em segundo plano no País durante muito tempo por outros governos. Pelas dimensões, o Brasil precisa de um programa espacial forte, como infraestruc-

tura satelital, para melhorar a agricultura, comunicações, meio ambiente. Muita coisa pode ser feita. E durante muito tempo isso ficou parado. O acordo de salvaguardas tecnológicas estava parado há anos no Congresso. Eu fui lá e conversei com os parlamentares para mostrar a importância disso. Hoje esse programa já avança. Depois que entrei, o programa literalmente decolou. Investimentos em foguetes nacionais, de treinamento, novos satélites, supercomputadores. Agora o Brasil está no ponto do programa espacial para valer.

Assim como a disputa federal, a eleição para o Senado tem se mostrado polarizada entre Márcio França, com apoio de Lula, e o sr., com apoio de Bolsonaro, com vantagem de Márcio. Qual a estratégia para diminuir a distância para o ex-governador?

O que tenho observado, nessa reta final, é que há enorme aceitação à minha candidatura. O que existe ainda é que as pessoas deixam para decidir o candidato a senador no fim da campanha, bem perto da eleição. Ainda há muito desconhecimento e há muitas pessoas indecisas, que vamos trazer para o nosso lado e ganhar a eleição. Vou ultrapassar o Márcio nas pesquisas. Alguns levantamentos no interior do Estado já me colocam na frente. O que não gosto é de ficar acusando adversários. Quem faz isso é porque não tem o que apresentar. Minha campanha é de propostas. Eu defendo a vida, sou contra aborto, ideologia de gêneros e a favor da liberdade.

O sr. defende voto útil entre os eleitores da direita?

Sem dúvida, é preciso juntar a direita. Se fosse invertida a situação, com a Janaina Paschoal (candidata do PRTB) na frente das pesquisas e eu sem chance de chegar, eu mesmo defenderia o apoio a ela. Se a gente quer que a direita vença, a gente tem de se unir. O voto útil é importante nesse momento.



Quando a narrativa política se mistura com a ciência, aparecem coisas estranhas. Cientista não se abala com pseudocientista.



Hoje, para entrar no mercado, é preciso investir em inovação. Nesse sentido, a indústria automotiva no Brasil precisa ter tecnologia 4.0.



O que eu tenho observado é que há enorme aceitação à minha candidatura. Vou ultrapassar o Márcio França e vencer a eleição.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 4